

AULA 2.

Breve discussão sobre as conquistas em torno dos direitos das mulheres

Profa. Marlise Matos
(DCP, NEPEM, CIFG / UFMG)

• SÍNTESE DA AULA

- Revisitar os movimentos de mulheres no Brasil e sua luta por DIREITOS.
- Propor um olhar aprofundado das relações e das hierarquias sociais com base no gênero, suas características principais em diferentes espaços, as formas como as diferenças são criadas e naturalizadas e seus impactos sobre a sociedade.
- Discutir as diferentes fases dos movimentos feministas;
- Problematizar a gestão complexa da cidadania, dos direitos e das políticas para as mulheres

2.1. O PASSADO - NOSSO ENRAIZAMENTO PATRIARCAL

**Profa. Marlise Matos
(DCP, NEPEM, CIFG / UFMG)**



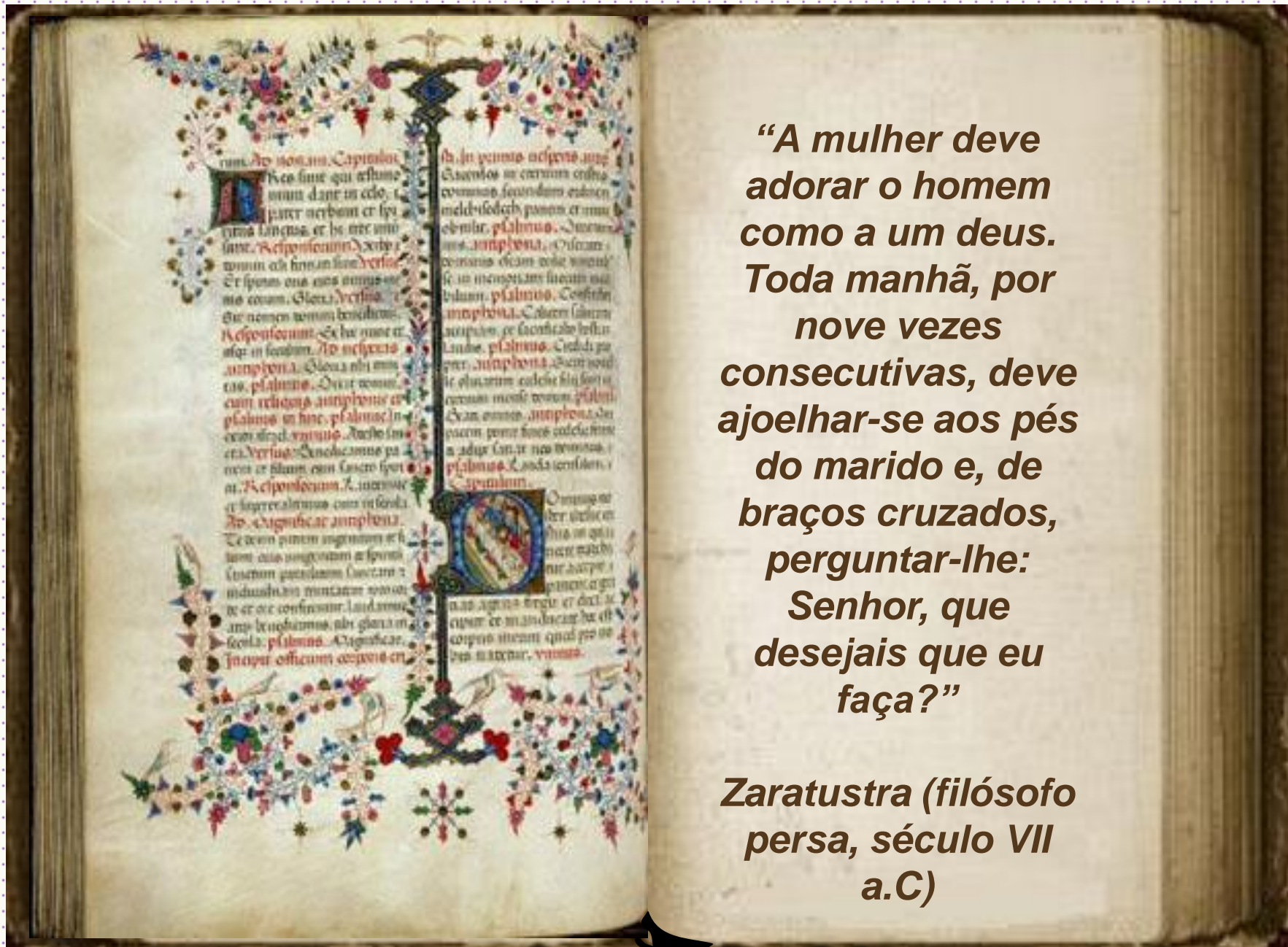
A “INADEQUAÇÃO” HISTÓRICA DAS MULHERES

• MULHERES FORA DA CIDADANIA

- **A inferioridade e a submissão delas, segundo Aristóteles, se daria em virtude da não plenitude, na mulher, da parte racional da alma, o logos.**
- **Fazendo uso das palavras de Sófocles, afirma que “as mulheres” deveriam, por sua graça natural, permanecer em silêncio, o que é significativo numa sociedade democrática na qual a participação isonômica na política, ou seja, na vida da pólis, caracterizava o ateniense.**
- **Moisés Romanazzi Torres, em Considerações sobre a Condição da Mulher na Grécia Clássica (séculos V e IV a.C), publicado na Revista Mirabilia n° 1 Disponível em <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num1/mulher.html>.**



Escritos
Milenares



**“A mulher deve
adorar o homem
como a um deus.
Toda manhã, por
nove vezes
consecutivas, deve
ajoelhar-se aos pés
do marido e, de
braços cruzados,
perguntar-lhe:
Senhor, que
desejais que eu
faça?”**

**Zaratustra (filósofo
persa, século VII
a.C)**

"Todas as mulheres que seduzirem e levarem ao casamento os súditos de Sua Majestade mediante o uso de perfumes, pinturas, dentes postiços, perucas e recheio nos quadris, incorrem em delito de bruxaria e o casamento fica automaticamente anulado."

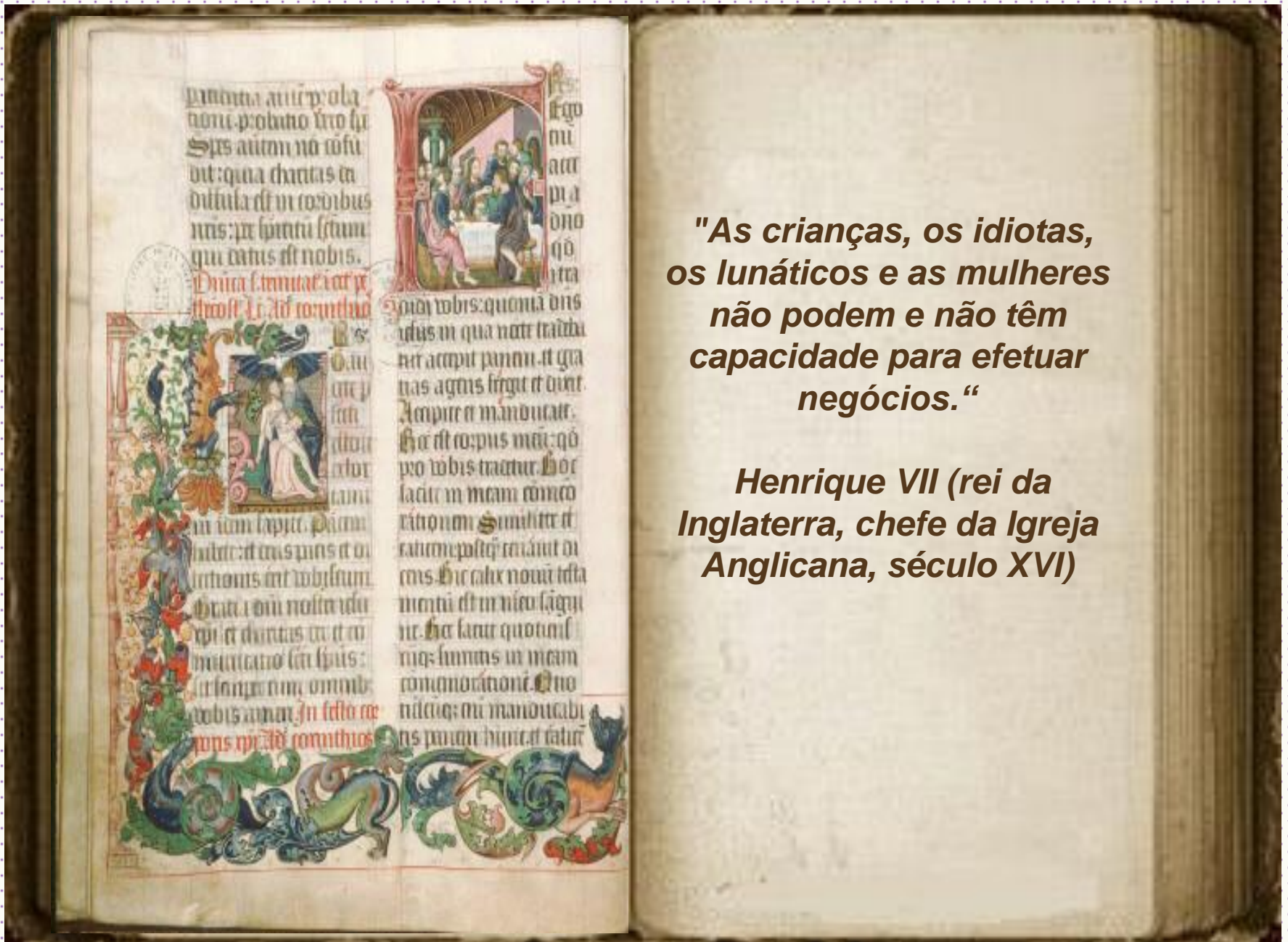
Constituição Nacional Inglesa (lei do século XVIII)



"Quando um homem for repreendido em público por uma mulher, cabe-lhe o direito de derrubá-la com um soco, desferir-lhe um pontapé e quebrar-lhe o nariz para que assim, desfigurada, não se deixe ver, envergonhada de sua face. E é bem merecido, por dirigir-se ao homem com maldade de linguajar ousado."

**Le Ménagier de Paris
(Tratado de conduta moral e costumes da França, século XIV)**





panem: autem pro
bono probano. Ite
Spiritus autem non
confutit: quia charitas
diffusa est in cordibus
nostis: per spiritum sanctum
qui datus est nobis.

Divina immutatio
et caritas. **1^a ad corinthios**



Domi vobis: quoniam dicit
idus in qua nocte traditus
est: accepit panem et gratias
agens fregit et dedit.
Accipite et manducate.
Hic est corpus meum: quod
pro vobis traditur. Hoc
facite in meam commemora-
tionem. Similiter et
calicem postquam cenavit
dixit. Hic calix novum testa-
menti est in meo sanguine.
Hic facite quotiescumque
bibitis: in meam commemora-
tionem. Quo-
ntiescumque manducabitis
panem: dicit et facite

et ego
nu
acc
pi a
ono
qo
tra

**"As crianças, os idiotas,
os lunáticos e as mulheres
não podem e não têm
capacidade para efetuar
negócios."**

**Henrique VII (rei da
Inglaterra, chefe da Igreja
Anglicana, século XVI)**



"Que as mulheres estejam caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar. Se quiserem ser instruídas sobre algum ponto, interroguem em casa os seus maridos."

São Paulo (apóstolo cristão, ano 67 D.C.)

**"O pior adorno
que uma mulher
pode querer usar
é ser sábia."**

**Lutero (teólogo
alemão,
reformador
protestante,
século XVI)**



A l'onneur de l'ame du gouverneur
arresté les 1000 & les 10000
son nom est
gouverneur ne de
voit et ne se
re liguer. Adon
gouverneur philip
et autre fil de tres haute & ex
celle. Adon gouverneur philippe
y la grace de dieu son de l'ame.
Son tenor hier Gille de cote
de l'orme des hermites fait au
quail. Un noble homme d'au
de ses tout jour servir en tou
tes choses. La seigneurie de au
hoir ou l'ame de jolingo. Au
C'est toutes seigneurie ne se
pro egnat. Quar elle ne se
pro n'ont mesmes selet un
prieur. C'est a dire que l'ame
d'ore ne se font d'ore ne
sont. Adon d'ore l'ame. Au
seulement au plus au moins
par plus de temps. Au
dit a dire. Et l'ame h est au
si une grande s'ance y sus
cillon ou par a les estans.
Or dit aussi le philosophe que
d'ore qui est violent & y font

ne se pour ymer ne se ymer
longement d'ore. Adon de
dit ymer et d'ore longement
qui est selet nature. D'ore q
d'ore la seigneurie d'ore d'ore
ad pro y son de temps un an
ou a se dit. Mais gouverneur.
En se d'ore que son gouver
neur ne se pro violet mais
sont selet nature. Et quel ne
prieur est nature. Et il ne se
l'ame nature. D'ore est qui selet
seigneurie gouverneur selet se
prieur et de violence d'ore selet
selet ne se seigneurie nature
Adon est selet par nature. Adon
dit ardeur ou p'ner l'ore de
p'ner. Et selet qui selet selet
et corps et ont selet selet de
selet selet par nature selet. Et
selet qui selet de son selet de
et selet de l'ame selet nature
selet selet. D'ore il qu'ore
nature. ne se font ne selet de
selet selet selet que par nature
si selet la selet de selet
gouverneur. D'ore quoy
nes d'ore selet selet de selet
selet noble selet nature selet
selet selet. que selet selet de
de selet selet et de selet
selet selet selet selet selet
selet nature. Et selet selet
selet que selet selet selet de
d'ore qui est selet selet de selet
gouverneur. Et selet selet selet
qui selet a selet selet selet de
selet. Et selet selet que il

**"O lugar de mulher
é no lar.**

**O trabalho fora de
casa masculiniza".**

**(Revista Querida,
1955)**



**"A esposa deve vestir-se depois de casada com a mesma elegância de solteira, pois é preciso lembrar-se de que a caça já foi feita, mas é preciso mantê-la bem presa."
(Jornal das Moças, 1955)**



**"Sempre que o homem sair com os amigos
e voltar tarde da noite,
espere-o linda, cheirosa e dócil".
(Jornal das Moças, 1958)**

**"É fundamental manter sempre
a aparência impecável diante do marido".
(Jornal das Moças, 1957)**

**"A mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas, servindo-lhe uma cerveja bem gelada. Nada de incomodá-lo com serviços ou notícias domésticas".
(Jornal das Moças, 1959)**



**"Se o seu marido fuma, não discuta pelo simples facto de cair cinzas no tapete. Tenha cinzeiros espalhados por toda casa".
(Jornal das Moças, 1957)**



**"O noivado longo é um perigo, mas nunca sugira o matrimônio. ELE é quem decide - sempre".
(Revista Querida, 1953)**



**"Se desconfiar da infidelidade do marido,
a esposa deve redobrar seu carinho
e provas de afecto,
sem questioná-lo".
(Revista Claudia, 1962)**



**"A desordem em um banheiro desperta no marido
a vontade de ir tomar banho fora de casa".
(Jornal das Moças, 1965)**

- Há aqueles que acreditam que as organizações humanas nem sempre foram patriarcais. Alguns estudos antropológicos (ENGELS, 1884/1964; MURARO, 1997), por exemplo, indicam que no início da história da humanidade, as primeiras sociedades humanas eram matrilineares, coletivistas, tribais e nômades, organizando-se predominantemente em torno da figura materna e/ou da descendência feminina, uma vez que se desconhecia por completo a atuação masculina na reprodução.
- Papéis sexuais e sociais de homens e de mulheres não eram definidos rigidamente, as relações não eram monogâmicas e cabia a todos, indistintamente, o cuidado das crianças.
- Para estes autores, com a descoberta da agricultura, caça e fogo, as comunidades passaram a se fixar num determinado território e foi assim que os homens, a quem predominantemente cabia a função da caça, passaram a se vincular aos espaços externos, de fora e da “rua” e as mulheres (também de forma geral, embora não exclusiva), como a elas cabia o cultivo da terra, o preparo dos alimentos e o cuidado das crianças, permaneciam circunscritas aos afazeres domésticos e “privados” da “casa”.
 - PRIVADO = FEMININO / PÚBLICO = MASCULINO

- Uma vez conhecida a participação do homem na reprodução e, mais tarde, estabelecida a noção de propriedade privada, as relações teriam passado a ser predominantemente monogâmicas, criando-se a figura das famílias nucleares e patriarcais, a fim de se garantir o direito de propriedade e de herança aos filhos legítimos.
- Para esta corrente explicativa, teria sido neste momento que o corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser controlados pelos homens e as instituições construídas por eles (especialmente as religiosas, as políticas e as científicas), instituindo-se, então, a família patriarcal monogâmica e a tradicional divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres.
- Foi com este contorno que teria se instaurado o regime do patriarcado: uma nova ordem social centrada na descendência patrilinear e no controle (sobretudo coercitivo e sexual) dos homens sobre as mulheres.
- **PATRIARCADO** = uma forma de organização social na qual as relações são regidas e experimentadas através de dois princípios básicos: (1) o de que todas as mulheres são/estão hierarquicamente subordinadas aos homens (submetidas à autoridade patriarcal) e, (2) o de que os/as jovens são/estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (submetidos/as à autoridade paterna).

- **Walby (1986, 1990) e Machado (2000, p.3) admitem a existência de um patriarcado contemporâneo que teria alterado suas configurações ao longo da história para chegar até a forma de um patriarcado moderno, ou ainda a primeira delas admite a existência de uma passagem dinâmica da forma de um patriarcado privado para a experiência de um patriarcado público (WALBY, 1990).**
- **Há uma diversidade na história referente às lutas protagonizadas pelas mulheres, em contextos de transformação e de contradições, que dificilmente podem ser remetidas a uma idéia unitária ou totalizante sob a rubrica exclusiva do patriarcado, a não ser se entendermos este como uma alusão à constante (mas jamais igual e irreversível) modalidade de dominação masculina.**

- **As relações de dominação/subordinação de gênero, racial, étnica e entre capital e trabalho decorrem do não reconhecimento da igualdade de direitos.**
- **A distribuição injusta dos recursos oriundos do trabalho de todos e a manutenção da maioria da população distante de condições básicas para o exercício de direitos fundamentais da cidadania – saúde e educação de qualidade, saneamento, ambiente saudável, moradia e transporte dignos, por exemplo – criam as condições sociais e culturais propícias à dependência e à falta de autonomia dos sujeitos.**

2.2. O PRESENTE NA LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES

**Profa. Marlise Matos
(DCP, NEPEM, CIFG / UFMG)**



- Nos últimos 42 anos, a Organização das Nações Unidas – ONU, em reconhecimento à situação perene de opressão e discriminação vivida pelas mulheres em todo o mundo, convocou 4 Conferências específicas com o intuito de analisar as distintas situações de subalternização, visando, sobretudo, buscar formas mais concretas de enfrentá-las.
 - ✓ I Conferência Mundial Sobre a Mulher, 1975 na Cidade do México (México);
 - ✓ II Conferência Mundial Sobre a Mulher, 1980 em Copenhague (Dinamarca);
 - ✓ III Conferência Mundial Sobre a Mulher, 1985, em Nairóbi (Quênia), e, finalmente a
 - ✓ IV Conferência Mundial Sobre a Mulher, 1995, em Pequim/Beijing (China).
- **UM GRANDE DESAFIO:** Justiciabilidade/ exigibilidade dos direitos humanos econômicos, sociais e culturais.
- Maria Tereza Sadeck “*os direitos são letra morta na ausência instâncias que garantam o seu cumprimento.*”

• Tratados e Declarações Internacionais de DHs:

- ✓ Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948);
- ✓ Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966);
- ✓ Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos (1966);
- ✓ **Convenção de Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Mulheres (1979);**
- ✓ Convenção sobre os Direitos da Criança (1989);
- ✓ **Convenção para eliminação da discriminação racial;**
- ✓ Declaração do Rio e a Agenda 21;
- ✓ **Declaração de Direitos Humanos de Viena (1993);**
- ✓ Declaração sobre o direito ao desenvolvimento (1986);
- ✓ Declaração e Plano de Ação de Durban (2001);

- Um exemplo:
- Na IV Conferência Mundial das Mulheres em Beijing (1995), foi designado pela primeira vez o “gender mainstreaming” – ou a **TRANSVERSALIDADE DE GÊNERO**.
- Foi adotada dessa forma na documentação produzida desde então e garantia, basicamente, a incorporação da melhoria do status das mulheres em todas as dimensões da sociedade – econômica, política, cultural e social, com repercussões nas esferas jurídicas e administrativas, incidindo em aspectos como a remuneração, a segurança social, a educação, a partilha de responsabilidades profissionais e familiares e a paridade nos processos de decisão (Ferreira, 2000).
- Segundo Stiegler (2003:7):
- “El gender mainstreaming consiste en la reorganización, mejora, desarrollo y evaluación de procesos de decisión en todas las áreas políticas y de trabajo de una organización. El objetivo del gender mainstreaming es incorporar la perspectiva de las relaciones existentes entre los sexos en todos los procesos de decisión y hacer que todos los procesos de decisión sean útiles a la igualdad de oportunidades”.

O MARCO LEGAL da LUTA CONTRA AS DISCRIMINAÇÕES CONTRA AS MULHERES

- ✓ Declaração e Plataforma de Ação da III Conferência Mundial sobre Direitos Humanos (Viena, 1993);
- ✓ Declaração e Plataforma de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994);
- ✓ Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – Convenção de Belém do Pará (1994);
- ✓ Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Beijing, 1995);
- ✓ Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher – CEDAW (1979);
- ✓ Protocolo Facultativo à CEDAW (1999);

- **O MARCO LEGAL (Cont.)**
- **Declaração e Programa de Ação da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata (Durban, 2001);**
- **Cúpula do Milênio: Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (2000);**
- **Várias recomendações da OIT, EXS.: Recomendação nº. 90, de 29 de junho de 1951, da Organização Internacional do Trabalho – OIT, sobre a igualdade de remuneração de homens e mulheres trabalhadores por trabalho de igual valor;**
- **Recomendação nº. 165, de 23 de junho de 1981, da OIT, sobre Igualdade de oportunidades e de tratamento para homens e mulheres trabalhadores com encargo de família.**

- **O MARCO LEGAL (Cont.)**
- **Convenção nº. 100, de 29 de junho de 1951, da OIT, sobre a igualdade de remuneração de homens e mulheres por trabalho de igual valor;**
- **Convenção nº. 111, de 25 de junho de 1958, da OIT, sobre Discriminação em Matéria de Emprego e Ocupação (entrou em vigor, no plano internacional, em 1960);**
- **Convenção nº. 156, de 23 de junho de 1981, da OIT, sobre a igualdade de oportunidades e de tratamento para homens e mulheres trabalhadores com encargo de família;**
- **ETC. ETC. ETC.**

A Operacionalização dos direitos humanos

Tratados internacionais



Constituição Federal



Lei

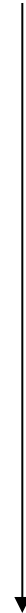


Política Pública



Orçamento

ABSTRATO



CONCRETO

2.3 O PRESENTE NA LUTA FEMINISTA

ENAP

Escola Nacional de
Administração Pública



nepem

Núcleo de Estudos e Pesquisa
sobre a Mulher | UFMG

Os movimentos feministas no Brasil

- O Movimento Feminista e de Mulheres do Brasil é um dos mais respeitados do mundo e referência fundamental em certos temas do interesse das mulheres no plano internacional.
- É também um dos movimentos com melhor performance dentre os movimentos sociais do país.
- Fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o status jurídico das mulheres no Brasil. A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder.
- Esse movimento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de DEMOCRATIZAÇÃO DO ESTADO produzindo, inclusive, inovações importantes no campo das políticas públicas.
- Destaca-se, nesse cenário, a criação dos CONSELHOS DA CONDIÇÃO FEMININA – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e COMBATE À DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS MULHERES.

Os movimentos feministas no Brasil

- A **LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXUAL** estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de público e privado.
- A **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA** tida como algo da dimensão do privado alcança a esfera pública e torna-se objeto de políticas específicas. Esse deslocamento faz com que a administração pública introduza novos organismos, como: as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (Deams), os abrigos institucionais para a proteção de mulheres em situação de violência; e outras necessidades para a efetivação de políticas públicas voltadas para as mulheres, a exemplo do treinamento de profissionais da segurança pública no que diz respeito às situações de violência contra a mulher, entre outras iniciativas.
- **NO CAMPO DA SEXUALIDADE**, “a luta das mulheres para terem autonomia sobre os seus próprios corpos, pelo exercício prazeroso da sexualidade, para poderem decidir sobre quando ter ou não filhos, resultou na conquista de novos direitos para toda a humanidade: os direitos sexuais e reprodutivos”.

Os movimentos feministas no Brasil

- A desigualdade sofrida pelas mulheres em relação ao **ACESSO AO PODER** foi enfrentada por diversas campanhas das quais resultaram a aprovação de projeto de lei, de iniciativa da então deputada Marta Suplicy, de reserva de 20% das legendas dos partidos para as candidatas mulheres.
- Embora as **DESIGUALDADES SALARIAIS SIGNIFICATIVAS ENTRE HOMENS E MULHERES** que ocupam as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no **MERCADO DE TRABALHO** teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas.
- **UM DOS ORGULHOS DO MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO = DESDE O SEU INÍCIO, ESTAR IDENTIFICADO COM AS LUTAS POPULARES E COM AS LUTAS PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS:**
 - lutas pela anistia,
 - por creche (uma necessidade precípua das mulheres de classes populares),
 - na luta pela descriminalização do aborto que penaliza, inegavelmente, as mulheres de baixa renda, que o fazem em condições de precariedade e determinam em grande parte os índices de mortalidade materna existentes no país; entre outras ações.

Movimentos Feministas e Participação

- **A Participação Política como condição para a promoção da justiça, uma vez que esta não é estática.**
- **Conhecer um pouco sobre os Movimentos Feministas é necessário para a compreensão de como determinadas desigualdades de gênero puderam ser questionadas, discutidas e transformadas na sociedade.**
- **O Feminismo foi capaz de demonstrar à sociedade que as discriminações que incidem sobre as mulheres, desde a sujeição feminina à autoridade masculina no ambiente doméstico, até as situações de guerra, nas quais as mulheres eram (e são) vulneráveis a mutilações, estupros e abusos de toda ordem, são social, econômica, cultural e politicamente construídas.**

Movimentos Feministas

- Ao questionar as posições inferiores e menos valorizadas que as mulheres ocupavam, os Movimentos Feministas expuseram as desigualdades de gênero em diversas esferas, tais como nas áreas do trabalho, de educação, saúde, na organização da vida política, no ordenamento jurídico da sociedade e na produção de conhecimentos científicos.
- Passaram a contestar a noção do destino biológico reprodutor das mulheres e a analisar o contexto histórico da construção do lugar da mulher na sociedade. Traduzida no lema “nosso corpo nos pertence”, a luta desses movimentos tem buscado romper com a subordinação do corpo (e da vida) da mulher aos imperativos da reprodução.
- Daí a luta pela defesa do direito de livre acesso à contracepção e ao aborto ser crucial para o movimento, pois consolida a autonomia das mulheres para vivenciarem a sexualidade e a afetividade como direitos, sem os riscos permanentes de engravidarem.

Movimentos Feministas

- Ao questionar as posições inferiores e menos valorizadas que as mulheres ocupavam, os Movimentos Feministas expuseram as desigualdades de gênero em diversas esferas, tais como nas áreas do trabalho, de educação, saúde, na organização da vida política, no ordenamento jurídico da sociedade e na produção de conhecimentos científicos.
- Passaram a contestar a noção do destino biológico reprodutor das mulheres e a analisar o contexto histórico da construção do lugar da mulher na sociedade. Traduzida no lema “nosso corpo nos pertence”, a luta desses movimentos tem buscado romper com a subordinação do corpo (e da vida) da mulher aos imperativos da reprodução.
- Daí a luta pela defesa do direito de livre acesso à contracepção e ao aborto ser crucial para o movimento, pois consolida a autonomia das mulheres para vivenciarem a sexualidade e a afetividade como direitos, sem os riscos permanentes de engravidarem.

AS ONDAS DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS NO BRASIL:

- 1) Primeira onda = igualitária, luta pelo direito político (o sufrágio feminino) e pelo acesso à educação e à saúde;
- 2) Segunda onda = diferencialista, ênfase no conceito de gênero e nas diferenças entre as próprias mulheres (lésbicas, negras, pobres, trabalhadoras etc.) + luta contra a ditadura militar;
- 3) Terceira onda = feminismo “difuso” e “especializado” (onguização) + começo da institucionalização;
- 4) Quarta onda (Matos, 2010) = reforço na institucionalização estatal (parlamento e executivo, principalmente) + transversalização de gênero + interseccionalidade entre movimentos e marcadores de diferenças + solidariedade movimentalista + moldura transnacional/rede

OS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS e BRASILEIRO

- **SEGUNDA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = a partir dos anos 70.**
- **A emergência da segunda onda feminista na América Latina, a partir dos anos 70, conteve diferenças significativas e trajetórias diversas entre os países da região. Como nos mostra Vargas (2008), os feminismos latino-americanos são heterogêneos segundo, dentre outros aspectos, seus espaços de atuação, identidades e ainda segundo diferentes estratégias perante o Estado (2008, p.142).**
- **Não obstante, a construção das identidades feministas em cada país se deu a partir de um intenso e rico diálogo transnacional, a partir dos Encontros Regionais, das edições do Fórum Social Mundial, das arenas das organizações internacionais e regionais, entre outros. Nesse sentido, é possível dizer que há uma trajetória compartilhada entre os feminismos, uma reconhecida unidade ainda que na diversidade (Vargas, 2008; Alvarez, 2000).**

- **SEGUNDA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = anos 60 e 70**

- Durante os anos 70 e seguindo pelos 80, aqui na região, *a segunda onda* emergiu a partir da resistência e luta das mulheres contra o autoritarismo, a violência e falta de cidadania no interior dos regimes militares. Grande parte das componentes do movimento advinha das organizações de esquerda e da luta contra o capitalismo e pela democracia, mas a partir de um exercício crítico significativo, rejeitavam práticas hierárquicas e androcêntricas dessa esquerda, bem como a invisibilização e desconsideração da necessidade das transformações de gênero para a luta política geral.

- Em um contexto em que *o Estado representava a violência exercida sobre os corpos das mulheres, o silêncio das demandas de participação e a impermeabilidade das questões de igualdade, os feminismos desse período se construíram em posição de aversão ao Estado.*

- Como afirma Alvarez (2000), a autonomia significava na época a independência e oposição absoluta tanto ao Estado, quanto à esquerda. Para um movimento que emergia e que buscava delimitar seus contornos, a defesa de espaços próprios de organização e da auto-determinação para suas pautas e prioridades tornou-se central.

OS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS e BRASILEIRO

TERCEIRA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = final dos anos 80/90

- Segundo Alvarez esse “descentramento saudável” do feminismo na região deu margem a um “campo de ação expansivo, policêntrico e heterogêneo, que abarca uma vasta variedade de arenas culturais, sociais e políticas” (Alvarez, 2000:386).
- *A relação dos feminismos com o Estado, portanto, se transformou = compatibilizou-se o diálogo e negociação com os movimentos e partidos de esquerda e também com instituições e foram criados novos canais de interlocução estatal, a partir das novas formas de organização feministas, oriundas de processos crescentes de institucionalização, profissionalização delas e de alguns temas, “onguização”, articulações criadas para intervir nas organizações internacionais e regionais, impulsionadas pelo processo de Beijing*
Consideramos nesse artigo que o movimento feminista é uma subcategoria do movimento de mulheres.

OS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS e BRASILEIRO

TERCEIRA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = final dos anos 80/90

- Todos os movimentos feministas são movimentos de mulheres, mas nem todo movimento de mulheres se reconhece enquanto movimento feminista. “Um movimento feminista é um tipo de movimento de mulheres, com um discurso feminista específico” (Mcbride; Mazur, 2010:33).
- Como afirmam Alvarez (2000a) e Vargas (2008), o feminismo pluralizou-se a partir da expansão dos espaços de articulação da política feminista; a partir do aumento da visibilidade e força de outras identidades do feminismo – feminismo negro, lésbico, popular, organização das mulheres sindicalistas, das trabalhadoras rurais, etc.; a partir do envolvimento de parte das feministas que buscaram influir e participar na política eleitoral e a partir das novas oportunidades de interação em uma gama de instituições sociais e políticas. Segundo Alvarez esse “descentramento saudável” do feminismo na região deu margem a um “campo de ação expansivo, policêntrico e heterogêneo, que abarca uma vasta variedade de arenas culturais, sociais e políticas” (Alvarez, 2000:386).

TERCEIRA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = final dos anos 80/90

- Essa nova realidade coincidiu com o período em que toda América Latina, influenciada pelas instituições financeiras internacionais e apoiada por elites locais, passou a implementar políticas neoliberais, que diminuíram as formas de engajamento do Estado e buscaram reforçar práticas do mercado como a arena mediadora das relações sociais. A implementação de tais políticas mostrou-se incapaz de criar bases sociais sustentáveis de modo a reproduzir estabilidade econômica, tendo acentuado forte processo de concentração de renda, substituído parte do desenvolvimento nacional pela estabilidade financeira e o controle da inflação gerou enorme dívida pública e altas taxas de juros (Sader, 2008).
- As ONGs feministas, cada vez mais profissionalizadas, avançaram na introdução dos temas relativos ao gênero nas agendas nacional e internacional ao passo que relativizaram em parte sua função de criticar, pressionar e transformar esse mesmo Estado. As ONGs passaram a ter um papel importante no fornecimento das políticas sociais, enquanto o Estado passou por um esvaziamento da sua função social. Como afirma Alvarez, as ONGS pareciam mais “neo” do que não-governamentais, ao se responsabilizar pelos serviços públicos que deveriam continuar no escopo de ação dos governos (Alvarez, 2000:402)

OS FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS e BRASILEIRO

- **TERCEIRA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = final dos anos 80/90**

- **As divergências quanto à relação dos movimentos feministas e de mulheres perante o Estado marcou significativamente os debates entre os feminismos e acabou sendo polarizada em torno de duas posições: as conhecidas como “institucionalizadas” e as “autônomas”.**

- **Os Encontros Feministas nos anos 90 e o processo de preparação para a Conferência de Beijing foram profundamente marcados por tal polarização, quando “a preferência por líderes e por discursos mais amenos à política tradicional foi vista como uma ameaça à solidariedade feminista” (Alvarez et all, 2003: 551).**

- **A partir daí, o ideal de autonomia em relação às arenas institucionais passou novamente a ser expresso. Enquanto as “institucionalizadas” eram aquelas feministas pertencentes às organizações que tinham canais formais de atuação junto aos governos e agências de cooperação internacional, as que se diziam “autônomas” eram parte de coletivos e instituições feministas críticos e opositores às expressões institucionais do patriarcado. Diziam não receber recursos financeiros “do norte”, nem negociar com as organizações internacionais, governos e partidos (Vargas, 2008).**

- **Após quase 40 anos de redemocratização do Brasil, continuamos a conviver com:**
 - **índices de violência doméstica e de gênero aterradores;**
 - **discriminações várias no mercado de trabalho;**
 - **meios de comunicação que são incansáveis em “vender” símbolos pejorativos da figura feminina, reforçando e renovando estereótipos;**
 - **partidos políticos que são espaços masculinos e masculinizados, nos quais é difícil encontrar mulheres (seja em quantidade, seja em qualidade) e a temática de gênero é sempre periférica e inexpressiva;**
 - **universidades que já se constituem em espaços “feminizados”, mas também muito conservadores, sobretudo no que tange aos valores feministas;**
 - **governos que quando incorporaram a temática de gênero, o fazem a partir de uma lógica superficial e também periférica (aspecto evidenciável pelo orçamento pífio que as áreas de governo referidas ao tema recebem).**
- **OU SEJA: O QUE PRETENDO ALINHAR AQUI COMO “QUARTA ONDA” REFERE-SE A UMA TENDÊNCIA EM CURSO mas que possui inúmeros desafios ainda a enfrentar.**

- **QUARTA ONDA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA = a partir dos anos 2000.**
- **O contexto do feminismo na região a partir dos anos 2000 = um movimento multinodal de mulheres ou a partir de diferentes “comunidades de políticas de gênero” (como tem sido mais comum se referir no Brasil).**
- **O feminismo, em parte significativa dos países da região latino-americana na atualidade não só foi transversalizado – estendendo-se verticalmente por meio de diferentes níveis do governo, atravessando a maior parte do espectro político e engajando-se em uma variedade de arenas políticas aos níveis nacionais e internacionais –, mas também se estendeu horizontalmente, fluiu horizontalmente ao longo de uma larga gama de classes sociais, de outros movimentos que se mobilizavam pela livre expressão de experiências sexuais diversas e também no meio de comunidades étnico-raciais e rurais, bem como de múltiplos espaços sociais e culturais, inclusive em movimentos sociais paralelos.**
- ***Nova “onda” para os movimentos feministas da região e também para os estudos e teorias feministas renovada ênfase em fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e geração.***

Os vários Movimentos Feministas

- **Movimentos de mulheres negras;**
- **Movimentos de mulheres indígenas;**
- **Movimentos de mulheres lésbicas, transexuais, travestis e transgêneros;**
- **Movimentos de mulheres trabalhadoras urbanas;**
- **Movimentos de mulheres rurais, camponesas, de comunidades tradicionais;**
- **Movimentos de mulheres jovens ETC... ETC... ETC...**

ENEGRECENDO O FEMINISMO (SUELI CARNEIRO, 2003)

- As denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não somente o sexismo, vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo.
- E o elemento determinante nessa alteração de perspectiva é **O EMERGENTE MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS SOBRE O IDEÁRIO E A PRÁTICA POLÍTICA FEMINISTA NO BRASIL.**
- *Enegrecendo o feminismo* é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro.
- Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil.

ENEGRECENDO O FEMINISMO

- Os grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso.
- Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades.
- Isso é o que determina o fato de o combate ao racismo ser uma prioridade política para as mulheres negras, assertiva já enfatizada por Lélia Gonzalez, “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”.
- Necessidade premente de **ARTICULAR O RACISMO ÀS QUESTÕES MAIS AMPLAS DAS MULHERES** encontra guarida histórica, pois a “variável” racial produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade feminina estigmatizada (das mulheres negras), como a masculinidades subalternizadas (dos homens negros) com prestígio inferior ao do gênero feminino do grupo racialmente dominante (das mulheres brancas).

- De acordo com González, as concepções do feminismo brasileiro:

“... padeciam de duas dificuldades para as mulheres negras: de um lado, o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão de raça nas hierarquias de gênero presentes na sociedade, e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem as mediações que os processos de dominação, violência e exploração que estão na base da interação entre brancos e não-brancos, constitui-se em mais um eixo articulador do mito da democracia racial e do ideal de branqueamento. Por outro lado, também revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história feita de resistências e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral – que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo”

- **A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros**

MULHERES NEGRAS E DESIGUALDADES

- Mercado de trabalho
- Violência
- Saúde
- Meios de comunicação, Etc.

O grande desafio é propor, articular e implementar propostas consequentes que estejam afinadas com um projeto radical de superação desses problemas e vislumbre novos ideais.

Paulatinamente, o movimento de mulheres negras vem sinalizando para iniciativas fundamentais nas imbricações entre racismo e sexismo.

Seguindo em frente...

- **Pensar a contribuição do feminismo negro na luta anti-racista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais.**
- **Tal situação, por seu turno, engendrou formas de resistência e superação tão ou mais contundentes.**
- **O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão.**

Seguindo em frente...

- Os efeitos do racismo e do sexismo são tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de recobrir todas as perdas já postas na relação de dominação.
- O efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrindo as perdas históricas.
- Sumariamente, podemos afirmar que o protagonismo político das mulheres negras tem se constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil.

A ação política das mulheres negras vem promovendo:

- o reconhecimento da falácia da visão universalizante de mulher;
- o reconhecimento das diferenças intragênero;
- o reconhecimento do racismo e da discriminação racial como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil;
- o reconhecimento dos privilégios que essa ideologia produz para as mulheres do grupo racial hegemônico;
- o reconhecimento da necessidade de políticas específicas para as mulheres negras para a equalização das oportunidades sociais;
- o reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza;
- o reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a branquidade, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não brancas.

A INTRODUÇÃO DESSAS QUESTÕES NA ESFERA PÚBLICA CONTRIBUEM PARA O ALARGAMENTOS DOS SENTIDOS DE DEMOCRACIA, IGUALDADE E JUSTIÇA SOCIAL, NOÇÕES SOBRE AS QUAIS GÊNERO E RAÇA IMPÕEM-SE COMO PARÂMETROS INEGOCIÁVEIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO MUNDO.

NOVA FORMA DE SE POSTULAR O FEMINISMO ENEGRECIDO DE 4ª ONDA:

- **ALVAREZ (2014)** – “proponho que entendamos como “campo(s) discursivo(s) de ação”, ao invés de movimento(s), feminista(s).
- E mais, quero sugerir que essas e outras questões interpretativas e preocupações politico-culturais *compartilhadas*, mesmo quando as/os nelas engajadas/os chegam a diagnósticos radicalmente opostos, fazem parte *constitutiva* de tais campos.
- Algumas logo iram retrucar que “aquelas” mulheres do partido, movimento, ou sindicato tal definitivamente “não são feministas”; mas mantenho que esse debate *em si*, tão comum e muitas vezes acrimônio, sobre “autenticidade” e “pertencimento”, entre as incluídas e as excluídas, que mesmo recusadas em alguns casos insistem em se autoproclamar feministas, é um dos componentes discursivos que articula o campo feminista.
- Elaborar uma linguagem conceitual, um aparelho interpretativo, e **uma nova unidade de análise que nos permitam melhor apreender as mudanças nos feminismos contemporâneos e, por extensão, em outros campos políticos que caracterizamos como movimentos sociais e que conceitualmente costumamos situar na arena da sociedade civil.**

TRÊS MOMENTOS NAS TRAJETÓRIAS DOS FEMINISMOS NO SUL DAS AMÉRICAS:

- 1) um primeiro momento de “centramento” e a configuração do “feminismo no singular”;
- 2) um segundo momento de “descentramento” e pluralização dos feminismos e do “*mainstreaming*” (fluxo ou transversalidade vertical) do gênero; e
- 3) um terceiro momento, o atual, em que presenciamos o que chamo de “*sidestreaming*”, o fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil, e a resultante multiplicação de campos feministas.

CAMPOS DISCURSIVOS DE AÇÃO = esses espaços discursivos, *em si mesmos*, constituem formações nitidamente políticas nas quais a cidadania é construída e exercida, os direitos são imaginados, e não só demandados, as identidades e necessidades são forjadas e os poderes e os princípios são negociados e disputados. Quer dizer, não são espaços pré-políticos nem para-políticos, como fica implícito na distinção comumente feita entre movimentos “sociais” e partidos, instituições ou processos representados como (realmente) “políticos”.

- **NO BRASIL** essa complexa formação política que é o feminismo atual continua se movendo e se remodelando em interação dinâmica com as chamadas **Jornadas de Junho de 2013** e suas “sequelas” mais radicais, anticapitalistas, anti-Copa Mundial do 2014 e, recentemente, anti-olimpíadas.
- Esses outros campos discursivos paralelos, por sua vez, se articularam com os feminismos através de um “retorno às ruas” liderado por **mulheres e homens atuantes nos movimentos autonomistas, anarquistas, neo-leninistas e trotskistas** (de todas as colorações imagináveis), os quais têm múltiplos pontos de interseção e influência mútua, – mas uma relação nem sempre tranquila – com diversos setores do campo feminista atual, especialmente com os mais variados setores do chamado **“FEMINISMO JOVEM”**.

Entre julho de 2013 e junho de 2014, procurei empreender conversas “intergeracionais” com dezenas de ativistas feministas que militam nos multifacetados movimentos de protesto atuais:

- entre eles a Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte;
- o Movimento Passe Livre de São Paulo, e a sua encarnação mineira, o Tarifa Zero;
- na juventude da CUT;
- no Levante Popular da Juventude;
- nas várias tendências do movimento estudantil, quase sempre ligadas a diversas tendências de esquerda: nos grupos “auto-organizados” da Marcha Mundial das Mulheres dentro desses movimentos e nos sindicatos e no campo;
- nas Marchas das Vadias de Florianópolis, Rio, BH, e Bahia;
- nos partidos neovanguardistas, leninistas e trotskistas à esquerda do PT;
- nas distintas agrupações de feministas atuantes nas “cenas” anarquista, punk, skate, funk, hip-hop, e rock, incluindo as jovens negras e lésbica-queer-trans presentes em todos esses “rolês”, e outras tantas no amplo leque de feministas “autônomas” que se identificam com o “faça você mesmo” e o horizontalismo dos anarco-autonomistas que prevalecem nos movimentos/protestos/levantes globais dos 2010s.

- A inserção nesses movimentos tem gerado inúmeros paradoxos para as ativistas feministas de hoje em dia; seja qual for a sua idade, raça, sexualidade, identificação partidária, movimentista, etc.
- Tais contradições, para aquelas com consciência histórica, se assemelham demais às relatadas pelas suas contrapartes – também majoritariamente jovens na época – do primeiro momento do campo feminista: “parece coisa dos anos 70”.
- As chamadas “feministas jovens”, então, são de fato atoras extremamente heterogêneas, abarcando todas as pluralidades, contradições e conflitos que caracterizam o campo feminista mais amplo.
- Se o segundo momento desse campo foi marcado pela pluralização, como vimos acima, expressões feministas que se desenvolveram *para além* das intersecções ganham cada vez maior visibilidade nos interstícios dos feminismos descentrados dos anos 1990.
- Contudo, hoje vemos não só uma proliferação geométrica de atoras/es que se identificam com o campo feminista e nele disputam espaço e poder; também testemunhamos processos de *descentramento no interior desses feminismos plurais*.

O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS seria outro exemplo quintessencial seria que, ao se entrecruza cada vez mais com outros feminismos em diversos pontos e momentos, hoje talvez se constitui, *em si mesmo*, em um campo discursivo de ação, extenso e diverso, ele próprio composto por várias vertentes, vários “*sidestreams*” – como sugere a Ministra e militante feminista negra de longa data, Luiza Bairros, em uma entrevista concedida a mim no final de 2011 (Alvarez e Bairros, 2012).

Entre essas vertentes encontramos as domésticas, as quilombolas, as lésbicas, as mulheres de comunidades tradicionais de matriz africana, e as jovens/hip-hoppeiras/grafiteiras/b-girls/capoeiristas, entre outras. Hoje, no interior de cada uma dessas vertentes, há mulheres, e alguns homens e pessoas trans, que se proclamam feministas negras.

HÁ TB UMA MULTIPLICAÇÃO DE FEMINISMOS POPULARES na cidade e no campo, como exemplificado no caso Marcha das Margaridas, que agrega milhares de mulheres em um processo mobilizador de abrangência nacional (Silva, 2008; Porto Aguiar, 2011). Por outro lado, as Vadias, a cena “anarca”, a “galera do hip hop”, as Blogueiras Feministas, as Blogueiras Negras, as “minas do rock” e tantas outras expressões político-culturais lúdicas sinalizam uma *popularização do feminismo* (Ferreira 2013; Golfarb, Minella e Lago, 2013)

- O momento atual de mobilizações, protestos e manifestações “não cívicas”, não institucionalizadas e mais fluidas, e de feminismos cada vez mais plurais e diferenciados entre si e dentro de si, pede uma reavaliação metodológica de como apreender, elucidar e interrogar “os movimentos”.
- Uma conclusão básica seria indagar além dos chamados “*ebbs and flows*” ou “fluxos e refluxos” dos movimentos, típicos das análises sociológicas.
- Os campos discursivos de ação são elementos *permanentes* das formações políticas na modernidade tardia/descolonial.
- Quero concluir observando que nesse momento histórico em que se vislumbram novos campos discursivos de ação, contagiados por e intersectados com feminismos cada vez mais heterogêneos entre e em si mesmos, preocuparmos com a política de tradução feminista é uma necessidade urgente e imprescindível.

2.4 O CONCEITO DE GÊNERO

ENAP

Escola Nacional de
Administração Pública



nepem

Núcleo de Estudos e Pesquisa
sobre a Mulher | UFMG

- **Gênero e sexo são a mesma coisa? A diferença de sexo torna homens e mulheres desiguais?**
- **As diferenças de gênero são naturais (definidas pela biologia) ou culturais (construídas socialmente)?**
- **Qual a importância de gênero, da sexualidade e da orientação sexual para as políticas públicas?**

- Quando falamos de gênero, estamos nos referindo às construções e às expectativas sociais sustentadas em relação aos homens e às mulheres.
- Em outras palavras, gênero diz respeito ao modo como nossa sociedade constrói representações sobre ser homem e ser mulher e pressupõe que elas sejam naturalmente estabelecidas.
- TEMOS, AO MENOS, **TRES FONTES** PARA A ORIGEM DO CONCEITO DE GFÊNERO:

- **Para o feminismo**, os primórdios da definição de GÊNERO (ainda sem tal denominação) foi a contribuição inaugural de Simone de Beauvoir que escreve, em 1948, na obra O Segundo Sexo: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (**fonte 1**).
- Outra fonte importante (**não feminista**, **fonte 2**) para o conceito de gênero se situa nos trabalhos a respeito da identidade de gênero, desenvolvidos pelo psiquiatra Robert Stoller (1968) e pela clínica da Universidade de Johns Hopkins através do psicólogo John Money (1952).

- Para as Ciências Sociais, de um modo mas ampliado, o conceito de gênero foi demarcado pelo pensamento feminista nos anos 1970/80 (fonte 3), e se refere à construção social do sexo anatômico.
- Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas que a maneira de ser homem e de ser mulher é instituída pela cultura. Assim, o conceito de gênero contribui para pensarmos as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres.

- Há grandes diferenças entre “sexo” e “gênero”
- **SEXO** diz respeito às características físicas e anatômicas dos corpos, isto é, o sexo refere-se às características que distinguem o corpo do homem do corpo da mulher, como os órgãos genitais.
- Já o conceito de **GÊNERO** aponta para o conjunto de fatores socioculturais atribuídos aos corpos, estabelecendo a ideia de masculino e feminino. Em outras palavras, a condição de gênero está ancorada nos significados que indicam o que é ser homem ou ser mulher e não na anatomia dos corpos.

- Uma das definições clássicas sobre gênero, que surgiu a partir da colocação em debate do conceito de “sistema sexo/gênero”, é a que segue:
- “...um sistema de sexo/gênero é um conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais são satisfeitas” (RUBIN, 1975, tradução livre).

- **No senso comum, as diferenças de gênero (assim como as raciais, as sexuais, as de classe social e etárias) – que são inerentemente construções sociais e políticas - são interpretadas “como se” fossem “naturais”, tendo nos corpos sexuado diferenciadamente as produções de significados que, por sua vez, são determinados por sentidos que se orientam nos preceitos da biologia e medicina.**
- **Os corpos masculinos, femininos, gays, lésbicos, transexuais etc. são, então, significados em sua “natureza” física como hierarquicamente diferenciados, e a justificativa para tais hierarquias se encontram na natureza de seus corpos, mas dizem respeito a produções de “sentidos” e “significados” sociais e políticos.**

- **Gênero demarca, então:**
- Uma **dimensão social e política** construída A PARTIR das diferenças entre os sexos;
- É um **conceito RELACIONAL**: implica as diferenças entre homens e mulheres, masculino e feminino etc.
- É a **primeira forma de significação das relações de PODER**: as relações sociais que construímos tem um direção de poder e de hierarquia que vai do Homem (dominante) à Mulher (dominada), produzindo-se uma sociedade PATRIARCAL;
- Mas se as relações de gênero são, social e politicamente construídas, elas não precisam ser necessariamente patriarcais, assimétricas. **É possível se construir relações de gênero simétricas, democráticas, igualitárias.**

Obrigada!

**Profa. Marlise Matos
(DCP, NEPEM, CIFG / UFMG)**